

# Ponto de vista em representação: a construção dos objetos de discurso em reportagens de revista feminina<sup>1</sup>

---

*Suzana Leite Cortez*

Universidade Estadual de Campinas/FAPES

**Resumo:** A representação de pontos de vista em diferentes gêneros do discurso põe em evidência fenômenos de heterogeneidade enunciativa. Essa heterogeneidade conduz-nos a focalizar a dimensão dialógica do ponto de vista. Assim, a relação do sujeito com as instâncias que povoam o seu discurso pode ser analisada a partir dos objetos de discurso, já que a construção desses objetos homologa traços do diálogo interior do locutor com ele mesmo e com os outros. Ao focalizar as relações que o locutor nutre com os enunciadore, analisaremos como se dá a representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina.

**Palavras-chave:** ponto de vista; representação; objetos de discurso.

**Abstract:** The representation of points of view in different discourse genres reveals some phenomena of enunciative heterogeneity. Such heterogeneity requires us to focus on the dialogic dimension of point of view. The relation between the subject and the instances inhabiting the subject's discourse can be analyzed from the objects of discourse, since the construction of these objects testifies to traces of the utterer's inner discourse with himself and with others. While focusing on the relationships between the utterer and others we will analyze how the representation of points of view unfolds in news articles in women's magazines.

**Keywords:** point of view; representation; objects of discourse

**Résumé:** La représentation des points de vue dans maints genres de discours met en évidence des phénomènes d'hétérogénéité énonciative. Cette question nous

---

1. Recebido em 16/07/2011. Aprovado em 15//10/2011.

conduit à faire le point sur la dimension dialogique du point de vue. Cela revient à dire que le rapport du locuteur avec les énonciateurs peut être envisagé par les objets de discours. C'est pourquoi la construction des objets homologue des traces d'un dialogue intérieur du locuteur avec soi-même et/ou avec les autres. En focalisant les relations que le locuteur noue avec les énonciateurs, nous nous proposons d'analyser la représentation des points de vue dans les reportages de magazine féminin.

**Mots-clés:** point de vue; représentation; objets de discours

## Introdução

A questão aparentemente simples de que o ponto de vista pode ser entendido como a maneira pela qual um sujeito apreende um objeto de discurso, torna-se complexa no contexto do dialogismo, em que pesa a distinção locutor/enunciador. Como locutor e enunciador<sup>2</sup> nem sempre coincidem, havendo mais enunciadores do que locutores num discurso, interessa saber de que maneira o objeto é representado. Ou seja, como se constitui a representação na teia dialógica do discurso, mais precisamente: como as relações locutor/enunciador engendram a representação e marcam pontos de vista, configurando posições no discurso.

Disto resulta a dinâmica e a complexidade na expressão do ponto de vista, que grosso modo concerne aos fenômenos de representação linguística de falas, de pensamentos e de percepções (Rabatel 2008). É necessário esclarecer de início que a compreensão do ponto de vista como *representação do discurso de si e do discurso* implica reconstrução do sentido e de algum modo reformulação, o que vai além do “dito” ou daquilo que foi declarado em contexto anterior. Neste sentido, o ponto de vista compreende a (re)apresentação de um conteúdo que, apreendido por um sujeito enunciador e representado por ele mesmo e/ou por outro, reconstrói no entrecruzamento de saberes, pensamentos, falas, crenças, atitudes e experiências, que podem ser expressos das mais

---

2. Seguindo a orientação ducrotiana, definimos o locutor como aquele que profere um enunciado e o enunciador a origem de um conteúdo ou um “centro de atualização modal” (cf.: Rabatel 2005).

diversas formas e não apenas pela transmissão de um dizer, como nas formas convencionais do discurso direto (DD) e do discurso indireto (DI).

Nesse contexto, a problemática do ponto de vista põe em evidência a dinâmica dos fenômenos de heterogeneidade enunciativa, o que a torna inescapável a discussões que fundamentam e atualizam o campo do discurso reportado. Diante disso, apresentaremos primeiramente algumas questões em torno do discurso reportado, que contribuem para situar a problemática do ponto de vista no terreno da alteridade, para em seguida esclarecermos em que medida esta perspectiva volta-se para a análise dos modos de *representação do discurso outro*, ao mesmo tempo que põe em evidência processos de afirmação de si por diferentes graus de expressão da subjetividade constantemente em tensão. Por fim, analisaremos estes modos de representação e a afirmação de si em duas reportagens da revista *Women's Health*, tendo como instrumento de análise os objetos de discurso.

### **Ponto de vista: do discurso reportado ao discurso representado**

Considerado como um tema nodal das discussões contemporâneas sobre o discurso (Rosier 2008), o campo do discurso reportado é, conforme Authier-Revuz (2004), marcado por uma diversidade de perspectivas que o tornam heterogêneo. Isto inclui não só a oscilação atual entre discurso reportado e discurso representado, mas também as denominações: discurso outro, discurso citado, representação do discurso outro, discurso deportado, discurso importado. Em meio à variedade terminológica que o caracteriza, Authier-Revuz prefere falar em “representação do discurso outro” para designar o campo do *discurso reportado* (DR) como um todo.

Para Authier-Revuz (2004: 40), esta “prática metadiscursiva de produção da imagem do discurso outro” realiza-se por estruturas que não se consagram como constitutivas do campo do DR, tampouco podem ser apreendidas a partir de uma gramática no sentido convencional. Rosier (2008) explica que existem formas não reconhecidas como DR pelas gramáticas,

mas que, do ponto de vista do sentido, caracterizam-se como tais, pois testemunham a reflexão metadiscursiva sobre a maneira como se transmitem e circulam os enunciados. Citamos um exemplo, extraído da reportagem *Mulheres também são infiéis*, publicada na revista Cláudia<sup>3</sup>.

(1)

*Para a psicanalista e terapeuta de casais Léa Michaan, pós-graduada em psicoterapia psicanalítica pela USP, além de excitante, a paquera funciona como válvula de escape para aliviar tensões. “Devido à carga moral presente em nossa cultura, é comum as mulheres se culparem ao sentir atração por outro que não seja o companheiro oficial, mas trocar olhares não faz mal a ninguém. Pode até consistir numa fonte de energia extra”, afirma.*

Este fragmento assinala a “representação do discurso outro”, neste caso o da psicanalista e terapeuta de casais. Há aqui outro enunciador, além, do jornalista, locutor-enunciador primeiro. Embora não haja verbo introdutor de opinião ou de dizer, seguido do sinal de dois pontos ou da conjunção “que”, é possível assinalar a presença do outro através da preposição *para*, que introduz a representação. Apenas na última linha do texto aparece a forma verbal *afirma* que é antecedida de trecho em aspas, escapando às formas convencionais do DR. Exemplos como estes são evidências de que reportar um discurso não é incumbência apenas das formas tradicionalmente descritas como DD e DI, o que torna possível alargar o espectro das formas de reportar, conservando obrigatoriamente a relação entre pelo menos dois espaços enunciativos (Rosier 2008).

Para Cunha (2009), a problemática do discurso de outrem, antes estudada do ponto de vista das formas sintáticas da língua ou formas de citação foi renovada a partir do dialogismo. Com “esse novo olhar sobre o discurso citado, o problema é reformulado” e muitos estudos passam a privilegiar a

---

3. Extraído do site da Revista *Cláudia* em 08/02/2010 : <http://claudia.abril.com.br/materias/3729/?pagina5&sh=26&cnl=11&sc=23>

interação entre os discursos, a partir de “novas questões de pesquisa: como se apreende o discurso de outrem? Como se dá o processo de recepção vivido pelo discurso interior?” (Cunha 2008: 136). Isto deu origem, segundo Cunha (2009: 26) a novas direções nos estudos do discurso reportado, que consagraram o interesse pela: i) tensão, a dinâmica da interrelação entre o discurso citante e o discurso citado, e a relação que liga o enunciador ao locutor da enunciação anterior; e pelas ii) formas de representação do dialogismo não marcado – discurso indireto livre, construções híbridas, discurso bivocal.

Para Rosier (2008: 49), a relação discurso citado e discurso citante pode ser analisada a partir da hierarquia entre os enunciadores representados no discurso. Por essa ótica, o DR não se restringe a uma empreitada sintática, porque envolve, principalmente, questões de hierarquização entre sujeitos falantes – locutores e enunciadores. Neste caso, a abordagem enunciativa do DR integra-o ao quadro mais amplo das teorias polifônicas e dialógicas, no qual também se enquadra o estudo do ponto de vista.

O trecho apresentado há pouco é não só um exemplo de formas de representação do dialogismo marcado ou de heterogeneidade marcada (trecho citado entre aspas, verbo locutório “afirmar” e preposição “para”), mas também uma evidência do encaixe de representações ou “empilhamento” de pontos de vista (Rabatel 2008). A revista representa o discurso da especialista que, por sua vez, representa outro discurso: o das mulheres, precisamente o que elas *pensam* sobre a traição. Esse conteúdo perceptivo é não só indicativo de outro enunciador, as mulheres, mas também de uma *imputação*, porque algo é atribuído às mulheres sem uma evidência de asserção. Ou seja, não se retoma aquilo que tenha sido necessariamente afirmado por um locutor específico, mas faz-se referência a uma *percepção* feminina sobre o assunto. Tal percepção se atualiza e se reformula no discurso por outro enunciador, a psicanalista e terapeuta de casais, que como especialista no assunto, imputa a percepção, para reforçar seu ponto de vista sobre o desejo feminino, chamando atenção para uma outra compreensão sobre o objeto de discurso em questão. Neste caso, embora as mulheres não possam assumir propriamente a fala, porque são alvo de uma representação, elas se vêem identificadas naquele discurso,

como se o tivessem afirmado. Ao marcar distanciamento em relação ao ponto de vista das mulheres, a psicanalista não o *toma para si*<sup>4</sup>, o que permite introduzir um ponto de vista diferente : a ideia de que trocar olhares não faz mal a ninguém e pode ser uma “fonte de energia extra”.

Uma questão que vem à tona a partir desta interpretação é não só a indagação sobre quem disse determinada coisa, mas quem *toma para si* determinado dizer, conteúdo de pensamento ou de percepção. É neste sentido que a “relação que liga o enunciador ao locutor da enunciação anterior”, põe em evidência fenômenos de *prise en charge*<sup>5</sup> e *imputação* (cf.: Rabatel 2009). Isto vai além das questões do discurso reportado, e interessa particularmente à problemática do ponto de vista. Neste ponto, tanto o discurso reportado como o ponto de vista podem ser considerados “subconjuntos” (Rosier 2008: 99) desta questão maior, que consiste em *tomar para si* um discurso ou *assumi-lo*. A partir disso, é possível refletir sobre a “atribuição” de um dizer ou conteúdo: quem assume? Quem atribui ou imputa? Mais uma vez entra em jogo uma questão fundamental para a compreensão do ponto de vista: a hierarquização entre o locutor/enunciador e demais enunciadores.

Contudo, as fronteiras que distinguem e hierarquizam os pontos de vista são sutis e muitas vezes de difícil reconhecimento, como também acontece com a distinção de “vozes” do discurso reportado. Mesmo a distinção das fronteiras formais entre DD e DI tendem a se apagar, tanto no oral, como no escrito, particularmente na escrita jornalística, onde as formas mistas são abundantes, tal como esclarece Torck (2004: 246). Para esta autora, torna-se difícil e certamente improdutivo, fixar as diferentes formas de discurso reportado em seus valores canônicos.

Se o estudo do DR, na concepção de Rosier, passa pela análise da relação entre discurso citado e discurso citante, o que pode ser interpretado como

---

4. A expressão “tomar para si” é uma tentativa de tradução do termo francês *prise en charge*, que indica assumir para si um ponto de vista. Esse ponto de vista pode ser o de outro enunciador.

5. O termo *prise en charge* é alvo de recentes discussões na França como assinala a revista *Langue Française* n.162, publicada em junho de 2009, que é totalmente dedicada ao estudo desta noção.

o reconhecimento desses espaços, isto se torna mais difícil, segundo Rosier (2008: 60), quanto mais o discurso se destina à expressão de um ponto de vista ou de uma percepção, inserindo-se no campo da focalização narrativa, como no caso do discurso indireto livre (DIL), do discurso direto livre (DDL) e do discurso narrativizado (DN). A liberdade formal do DIL, por exemplo, pela ausência de fronteiras morfosintáticas nítidas e sua ambiguidade referencial, impossibilita a reconstituição literal do discurso citado, como acontece no exemplo assinalado em relação ao discurso atribuído às mulheres.

Desse modo, ainda que o campo do discurso reportado seja estendido a fenômenos dialógicos que ultrapassam as formas convencionais deste campo, tal procedimento, no dizer de Rabatel (2005: 124), está longe de considerar a ampla variedade de fenômenos que dizem respeito à *representação* de falas, pensamentos e percepções. Por esta abordagem, o discurso outro, mais do que reportado, é *representado* em um novo contexto. Esta denominação envolve não apenas os discursos reportados gramaticalizados, mas abre espaço para se analisar os diferentes modos de representação. Além disso, o discurso representado nem sempre relata proposições já formuladas (Rabatel 2004: 93), sendo principalmente uma “encenação” no aqui e agora do discurso, que passa pela representação de posições enunciativas distintas e hierarquizadas pelo locutor/enunciador primeiro.

Assim, o interesse por questões que envolvem assumir a responsabilidade sobre um conteúdo ou imputar um conteúdo a outros enunciadores, leva-nos, no quadro do dialogismo, a orientar nossa investigação pela problemática do ponto de vista. Como consequência, a reconstituição do discurso citado, a relação discurso citado e discurso citante, assim como as marcas convencionais destes discursos tornam-se questões secundárias nesta investigação.

## **Enunciadores e objetos de discursos na representação do ponto de vista**

A dimensão dialógica do ponto de vista faz com que o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) ponha em cena diferentes pontos de vista

(pdvs), o que é feito por maneiras diferenciadas. Essa variação é determinada não só pela interpretação de L1/E1 em relação à posição dos demais enunciadores (concordância, discordância e efeito de neutralidade), mas também pelas diferentes maneiras de assumir para si um conteúdo ou de imputá-lo aos demais enunciadores.

Esses pdvs, ao entrarem no discurso sob a ótica de L1/E1, contribuem para instaurar sua posição, que pode ou não ser marcada por distanciamento em relação aos demais enunciadores. Disso resulta a complexidade da relação que o locutor/enunciador nutre com os outros enunciadores, assim como os diferentes modos de apreensão e expressão de um ponto de vista (pdv). Quando um locutor/enunciador representa um pdv, essa posição é facilmente identificada quando o sujeito marca explicitamente a relação com outros enunciadores. Contudo, em contextos mais opacos, essas relações são implícitas e não são facilmente identificáveis, como no fragmento (2) abaixo extraído da reportagem *Um guia para decifrar as mulheres*. Neste fragmento, embora não seja difícil reconhecer um dos pontos de vista, este se encontra mesclado ao discurso de L1/E1, sendo transmitido por um mecanismo não convencional, em que as formas nominais<sup>6</sup> “uma análise completa da situação” e “homem forte, bonito e atraente” ancoram um enunciador feminino, a quem L1/E1 imputa um pdv.

(2)

Vamos voltar ao caso da garota que *você convidou* para sair. Quando o encontro começou, ainda estudando seus passos, você não imaginava qual seria a receptividade dela. Eis que, de repente, encarou-a bem nos olhos, que brilharam como dois faróis. Veja o que aconteceu: os olhos dela mandaram sua imagem por meio de uma complexa via de cabos – com um nome digno de um projeto de engenharia, o núcleo geniculado lateral, ou NGL – até o córtex visual primário. Imediatamente, esse setor (...) começou a fazer

---

6. Formas nominais marcadas no exemplo em itálico.

*uma análise completa da situação. Registro feito – homem alto, forte e atraente –, a amígdala lobo temporal se acendeu como fogos de artifício. (Revista Men's Health, junho de 2007: 57)*

Considerando que a disjunção locutor/enunciador atinge profundamente a problemática do pdv, então é necessário esclarecer que: enquanto posições diferenciadas, L1/E1 e demais enunciadores assumem papéis diferenciados na enunciação. Ao encarregar-se da representação, L1/E1 desempenha papel crucial na organização e expressão de saberes, pensamentos, percepções e falas que constituem o seu pdv e o pdv de outros enunciadores. Desse modo, L1/E1 dirige a *apresentação dos objetos de discurso, a seleção das informações e a hierarquização dos enunciadores*. Mesmo no caso da citação falada, esta é muito mais uma fala suposta ou “fala editada”, que não precisa ter necessariamente ocorrido do que uma reprodução do dizer, como aponta Marcuschi (1997).

É no âmbito da problemática do pdv que a hierarquização dos enunciadores assume configuração muito precisa, pondo em evidência relações dissimétricas que entram em jogo na construção dos pdvs. Essas relações marcam a reação de L1/E1 frente ao conteúdo apreendido pelo enunciador segundo (e2) e são denominadas por Rabatel (2006: 224) de “posturas enunciativas”. As posturas enunciativas de *sobrenunicação* e *subenunicação* indicam a construção de um pdv desigual que pode estar *superposto*, caso da *sobrenunicação*, ou *subordinado*, caso da *subenunicação*. Mesmo em dissimetria, estas posturas enunciativas implicam sempre *coconstrução* do pdv, como acontece quando a postura é de “coenunicação<sup>7</sup>”, assinalando uma simetria entre os enunciadores que assumem um pdv em comum.

O pdv subordinado é comum em reportagens de divulgação científica ou em reportagens das revistas femininas que representam um pdv de origem científica para validar ou credibilizar determinado conteúdo. O pdv subordinado é representado a partir do julgamento e apreensão da informação com base no pdv do especialista, locutor/enunciador anterior. Isso faz com que

---

7. Rabatel (2006) reinterpreta a noção de coenunicação.

a nomeação empreendida por L1/E1 em postura subordinada seja apresentada como decorrente deste enunciador segundo (e2). Neste caso, L1/E1 não pode ser considerado plenamente como o enunciador do pdv, como observado no fragmento a seguir, da reportagem *A chama apagou*, publicada na revista *Women's Health* em agosto de 2009.

(3)

Outro estudo recente, publicado no periódico *Archives of Internal Medicine*, aponta que uma em cada três mulheres ouvidas admitiu ter experimentado baixo desejo sexual no mês anterior. Isso significa mais de 40 milhões de mulheres — que não têm exatamente dificuldade em “funcionar” ou “chegar lá”, mas não sentem ânimo nem de pensar no assunto. “Na maioria das vezes, as causas são emocionais. Mas os níveis hormonais também influenciam”, diz o ginecologista Ivaldo Silva, professor do departamento de ginecologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Entre *os mecanismos psicológicos que afetam a libido* estão baixa autoestima, insatisfação com a vida ou a profissão, medo de desempenho, preocupações diversas do cotidiano. Bem, quem nunca foi para a cama querendo ser engolida pelo edredom, e não pelo parceiro?

A forma nominal “os mecanismos psicológicos que afetam a libido” é proferida por L1/E1, dando continuidade à representação do pdv de e2 sobre as causas que afetam o desejo sexual. Embora esse pdv não seja marcado por formas convencionais de apreensão do discurso outro, a forma nominal constrói um objeto de discurso duplamente enunciado. Ou seja, a perspectiva de e2 é representada por L1/E1, situado primeiramente em posição subordinada. No período seguinte ao trecho entre as aspas, L1/E1 assume postura de coenunciação, a partir do momento em que opera a nomeação, mesclando os pdvs sem marcar distanciamento. Assim, no que diz respeito à força ilocutória, cada uma das posturas enunciativas pode ser assumida (*prise en charge*) em maior ou menor grau por L1/E1. Neste caso, L1/E1 o *toma para si* no final do trecho, colocando-se em simetria à e2, porque partilha

do pdv. Esse tipo de apagamento enunciativo cria um efeito de objetividade ou aspecto de “verdade” sobre o ponto de vista em coconstrução. Isso não significa que a simetria ponha os enunciadores em pé de igualdade, já que o pdv não é único, mas apenas em consonância ou simplesmente em comum.

A análise do fragmento (3) é uma pequena amostra de que a representação de pontos de vista, e conseqüente relação entre enunciadores, pode ser examinada pelas formas nominais referenciais. Estas formas enquanto objetos de discurso, segundo Koch (2002), caracterizam-se por operar uma seleção dentre as diversas propriedades do referente que interessa destacar em dada situação. Assim, a construção dos objetos de discurso, analisada a partir das formas nominais, homologa traços desse dialogismo intradiscursivo em que locutor e enunciador se vêem representados.

Uma análise desse tipo põe os sujeitos em conexão com os objetos de discurso. Estes, por sua vez, são apresentados, recategorizados e reformulados no curso da progressão textual. Ao posicionar sujeitos, a construção dos objetos de discurso favorece a manifestação de identidades pessoais ou coletivas, tanto em direção ao “eu” como na direção do “outro”. Por essa razão, os mecanismos de representação, ao situar sujeitos em conexão aos objetos de discurso, constituem um meio de reformular posições e afirmar identidades, desempenhando papel importante na orientação argumentativa do texto.

### **A representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina**

A representação de pontos de vista será analisada de agora em diante em estreita conexão com a construção dos objetos de discurso em duas reportagens da revista *Women's Health*<sup>8</sup>, que compõem a seção sexo e relacionamento. Denominamos (A) a reportagem *A chama apagou*, que trata de alterações no desejo sexual e (B) a reportagem *Caia de boca*, que trata do sexo oral.

---

8. As reportagens *A chama apagou* e *Caia de boca* encontram-se disponíveis no site <http://www.womenshealth.com.br/>, compondo respectivamente a edição dos meses de agosto e outubro de 2009.

No cruzamento de saberes e afirmações que vão de práticas e pensamentos tradicionais à reformulação dessas práticas e modos de pensar, o locutor-enunciador das duas reportagens põe em foco a relação da mulher com o sexo. Esta relação é situada tanto no que diz respeito a comportamentos socialmente consagrados à mulher quanto a posturas que a mulher pode descobrir para tirar melhor proveito da vida sexual. Disso decorrem os aconselhamentos e dicas da revista, como no fragmento (4) abaixo, da reportagem (A) :

(4)

Você merece dormir (sem sonhar com relatórios), ir ao cabeleireiro (sem ficar pendurada ao celular ligando para clientes), assistir à novela (sem sentir-se uma alienada), programar um final de semana romântico com seu marido, longe das crianças (sem deixar de ser uma boa mãe). Mas nada disso adianta se não fizer [1]o básico: você precisa pensar mais em sexo, buscando sua própria maneira de lidar com o assunto. “Com tanta coisa que a mídia prega, muita mulher se sente pressionada a ser [2]malabarista sexual. Acha que só vai agradar se usar uma lingerie sexy ou fizer striptease para o parceiro. Mas, se isso não estiver em sua personalidade, se você não se sentir à vontade, em vez de turbinar a libido, a situação pode apagá-la ainda mais”, diz a psicóloga Ana Cláudia. Pode acontecer ainda de você estar com tudo em dia, seu parceiro ser *um fofo* e a *vidinha* caminhar perfeitamente nos trilhos. Mesmo assim, não está livre de [3]outro inimigo da libido: a rotina.

Este fragmento é também um exemplo de como L1/E1 se posiciona sobre a relação feminina com o sexo. Isso justifica as intervenções de L1/E1 no sentido de orientar argumentativamente o texto, dirigindo a interpretação a partir do que defende. Disso resulta a construção dos objetos de discurso, como testemunham as formas nominais catafóricas [1] e [3]. Estas formas nominais assinalam o pdv de L1/E1, pondo o sexo em evidência sem a pressão de um “malabarismo sexual” que paira sobre as mulheres. Esta outra

forma nominal assinala pdv feminino imputado por outro enunciador, uma psicóloga que atua como coenunciadora na orientação argumentativa do texto. Desse modo, L1/E1 e e2 estão em postura de coenunciação pela construção de um pdv em comum. Assim, sendo o sexo básico e a rotina um inimigo, a mulher precisa estar atenta para estas questões, repensando e redescobrando sua maneira de lidar com a sexualidade, tal como uma tarefa que a reportagem se propõe a orientar. Este papel aconselhador de L1/E1 pode ser identificado pelo esforço em aproximar-se das leitoras, mobilizando formas que identificam seu modo de pensar e agir, como revelam as expressões “um fofo” e “a vidinha” na penúltima linha do trecho.

Nesse contexto, a mulher é representada não apenas em posições socialmente estigmatizadas, porque vai ao cabeleireiro, assiste à novela, deseja um final de semana romântico com seu parceiro, quer ser boa mãe, como também é representada pela relação com o trabalho e a vida estressante, já que dorme pensando em relatórios, fica pendurada no celular ligando para clientes e tem mil coisas para fazer durante as 24 horas do dia. Esses hábitos constituem, nas duas reportagens, um pano de fundo em que o sexo atua como espaço de discussão sobre o desejo feminino e o modo de se relacionar com o outro, o que é inescapável às intervenções de L1/E1, que como uma espécie de “narrador intruso”, não deixa de representar seu ponto de vista sobre o assunto, tentando interferir sobre o destino das “personagens”, que precisam rever seu comportamento e “perder a vergonha na cara”. O trecho (5) abaixo, extraído da reportagem (B), é um exemplo da intervenção de L1/E1, como atestam as formas nominais [1], [2], [3] e [5] que retomam o referente *sexo oral*. Estas formas indicam o modo como L1/E1 *toma para si* um pdv.

- (5)  
RELAXA E... BEM, A IDEIA É ESSA MESMO Hora de *perder a vergonha na cara* e deixar que ele explore seu corpo sem medo de ser feliz.  
Medos, vergonhas, inseguranças... Não são poucas as mulheres que, mesmo tendo a cabeça feitíssima para vários temas relacionados à vida

a dois, não ficam completamente à vontade para receber sexo oral. O problema é que, ao deixar que grilos vençam nessa hora, acabam abrindo mão de [1] *uma prática para lá de deliciosa, em que você tem que se preocupar apenas e tão somente com o seu prazer*. Afinal, [2] *um dos pratos mais saborosos do cardápio — preliminares — e [3] uma boa maneira de apimentar o arroz com feijão diário*. Tanto é verdade que [4] *o lesco-lesco em questão é bem-visto pela maioria da população brasileira: de acordo com pesquisa coordenada em 2008 por Carmita Abdo, professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e diretora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, 76,6% dos homens e 64,3% das mulheres admitem praticar sexo oral*. Ainda bem! Se, no entanto, você acumula neuras a respeito e não consegue aproveitar [5] *esse presente que seu parceiro insiste — bom menino! — em lhe dar, é hora de mudar*. “Algumas mulheres não se soltam. Isso acontece por questões morais, de higiene e de inseguranças com o próprio corpo”, ressalta Alexandre Saadeh, psiquiatra e psicoterapeuta especialista em sexualidade humana, professor da PUC de São Paulo. “[6] *O tabu tem origem cultural. Ao longo da história, a mulher não podia sentir prazer — sexo era destinado para reprodução*”, afirma Laura Müller, psicóloga especializada em sexualidade. Segundo ela, a penetração não tinha outro objetivo que não fosse gerar filhos. Práticas orais e anais não faziam parte do repertório. “Embora os tempos sejam outros, em muitos indivíduos ainda permanecem resquícios dessa mentalidade.”

Aparecem ainda neste trecho, dois pdvs em consonância com o pdv de L1/E1: um pdv dóxico e o pdv do especialista. Estes pdvs são identificados respectivamente pelas formas [4] e [6]. O “lesco-lesco em questão” indica esse saber comum, essa voz social, bem ao gosto popular, identificada pela forma lexical “lesco-lesco”, que confere um “valor de verdade” ao objeto de discurso. Tal valor de verdade é reforçado pelo discurso dos especialistas,

---

9. Não no sentido lógico, mas conforme o valor de verdade assumido pelo enunciador. Esse valor, como digno de crença, atua sobre o auditório para persuadi-lo sobre o argumento defendido.

que contribuem para dar credibilidade à posição de L1/E1. A forma nominal “o tabu”, que funciona como um hiperônimo do objeto de discurso, é não só indicativa do pdv do especialista, mas também uma evidência da reformulação de posições que se atualizam no discurso. Ou seja, o objeto de discurso em questão, o sexo oral, é designado por expressões que vão da tradição (“um tabu”) à renovação (“uma prática para lá de deliciosa”). Considerando que nossa análise focaliza a relação sujeito-objeto, então podemos dizer que a recategorização do objeto de discurso, feita coenunciativamente por mais de um enunciador, revela não apenas uma mudança na maneira de conceber *o objeto*, o sexo oral, mas também uma mudança no modo de pensar *o sujeito*, isto é, a mulher e seu papel.

Nessa tensão dialógica de manifestação do “eu” pelo “outro” que pode ser o autor da reportagem, profissionais especializados, um saber popular e o sexo oposto, as mulheres constituem uma posição enunciativa em evidência, ainda que não falem ou dêem sua opinião sobre o assunto. Contudo, posição enunciativa em evidência nem sempre significa postura de sobrenunicação. É nessa confluência que os objetos de discurso são construídos, ancorando diferentes pontos de vista, entre os quais o pdv feminino que divide a cena com outros enunciadores. Entre esses enunciadores, destaca-se a posição de L1/E1.

O trecho (6) abaixo da reportagem (B) assinala a dinâmica dos pdvs cuja construção é engendrada por vários enunciadores entram em cena. O pdv feminino em postura de subenunicação é alvo de críticas por orientação argumentativa que visa a provocar mudança de comportamento em meio à “educação repressora” e “preconceito”, que promovem *grilos*, *bloqueio* e *encanação*. O subtítulo *Abaixo o preconceito* é uma forte evidência disso.

(6)

ABAIXO O PRECONCEITO Educação repressora, desinformação, preconceito: junte tudo isso e está formado [1]o *bloqueio*. Mas você sabe onde devem ficar [2]esses *grilos*, não? Isso, lá longe, no passado. Em pleno século 21, não existe mais [3]essa *bobagem de práticas não permitidas a moças de família*. “[4]As *variações orais e anais* são bem-vindas, desde que a segurança e o prazer estejam garantidos”, diz

Carmita Abdo. Se [5]sua encanação é com a higiene, saiba que a maioria dos homens *curte*, e muito, [6]o “cheiro de mulher”. Então a dica é cuidar da assepsia local sem exageros. Afinal, como diz Laura, “vagina tem cheiro de vagina”. Vale lavar com um sabonetinho cheiroso e só. De resto, deixe a natureza falar por si e verá que [7]seu *elixir* funciona como [8]um *afrodisíaco* para ele. “Cheirinho de desinfetante ou perfume forte pode ser bom para o corpo, mas para a região genital é broxante”, afirma Saadeh. Muitos homens mergulham o rosto na área de tão excitados. “Se ele está se divertindo, você vai se preocupar com o quê?”, pergunta Jussania Oliveira, sexóloga e autora de livros sobre o tema. O que não vale: descuido com a higiene ou a presença de algum corrimento forte.

Neste fragmento, destacam-se: i) pdv feminino imputado, formas [1], [2] e [5], ii) pdv masculino representado, forma [6] – os homens *curtem* “cheiro de mulher”, iii) pdv masculino imputado, forma [8] – o cheiro da vagina é considerado um “afrodisíaco” para eles, iv) pdv afirmado de L1/E1, formas [3] e [7] e v) pdv afirmado do especialista. Este último recategoriza o sexo oral pela abrangência da prática (*as variações*) que, mesmo assim, não pode ser feita de qualquer jeito, porque deve garantir prazer, segurança e certa higiene.

Neste trecho, o pdv do sexo oposto é representado constituindo um modo de reforçar o pdv de L1/E1. Isto também acontece no trecho (7) a seguir da reportagem (A), em que o cenário de tabus e preconceitos divide espaço com um mundo que evoluiu. Nesse contexto, “as consequências indesejadas do sexo” (forma nominal catafórica) e “a falta de tato...” do parceiro nas primeiras experiências sexuais conduzem o pdv de L1/E1 sobre a baixa no desejo sexual feminino:

(7)

“O mundo evoluiu, as mulheres estão mais abertas, mas ainda trazem ranços de uma educação conservadora”, diz Ivaldo Silva. Diferentemente dos homens, as mulheres recebem informações que têm muito mais a

ver com proteção contra [1] *as consequências indesejadas do sexo* — leia-se gravidez, DSTs e, mesmo que subliminarmente, a ideia de que boas meninas não transam — do que com o usufruto dele. Do lado prazeroso e saudável da coisa, quase não se fala. Para completar, quando iniciam seus relacionamentos, as mulheres acabam se deparando ainda com [2] *a falta de tato e o desconhecimento que seus parceiros têm sobre o funcionamento do corpo feminino* — sim, acredite, isso acontece aos montes.

A consequência é que o prazer durante o ato pode se minimizar. E, pior, virar [3] *um grande trauma*: há até quem se culpe por não sentir desejo. “Por mais simplista que pareça, o primeiro passo é ter a intenção de se abrir e buscar uma solução. Você tem que perceber que algo vai mal e se dispor a mudar. Comece revendo tabus e preconceitos — talvez você precise de ajuda profissional. Mas a ideia é deixar florescer o desejo com liberdade”, diz a psicóloga Ana Claudia.

Neste fragmento, o pdv de L1/E1 está em consonância com o pdv do especialista, que o autor do texto toma para si. A forma nominal [3], “um grande trauma” indica pdv de L1/E1 que sofre influência do saber oriundo do discurso especializado. Esta forma funciona como gatilho semântico para o trecho em aspas que assinala o pdv do especialista. Mesmo sem deixar de marcar o discurso do especialista, há momentos em que L1/E1 apaga a presença deste enunciatador. Nesse ponto, os pdvs se mesclam, sendo os objetos coconstruídos. Ademais, o pdv masculino é não só representado em posição contrária ao feminino, já que os homens usufruem “da coisa” sem traumas, mas também imputado numa posição que também o responsabiliza pelo trauma feminino. Nesse sentido, ele é não só bem resolvido sexualmente, mas também tem parte no problema que afeta as mulheres.

Por último, citamos uma função discursivo-cognitiva muito particular das formas nominais na representação do pdv: antecipação por negação. Neste caso, L1/E1 projeta uma interpretação das leitoras sobre o tópico em discussão, ao mesmo tempo em que refuta esse pdv, como evidencia a forma [1] deste trecho da reportagem (A):

(8)

Responda rápido: quando foi a última vez que você transou? Ontem? Na semana passada? No mês passado? No Carnaval? Você não lembra? Ninguém está aqui para fazer [1]nenhuma cobrança, afinal sabemos que você já tem tarefas suficientes para dar conta no seu dia, que tem “apenas” 24 horas. Mas colocar o sexo no final d [2]a imensa lista de prioridades é uma medida que aos poucos vai se transformando em uma bola de neve<sup>10</sup> e quando você se dá conta nem pensa mais no assunto.

Nesse ato de antecipar e refutar, por uma espécie de conversa informal, as leitoras se veem representadas. A forma [2] também contribui para a representação que, sendo intensificada pelo adjetivo “imensa”, põe L1/E1 em proximidade às leitoras, enunciador feminino. Desse modo, L1/E1 demonstra compreender a rotina atribulada (“você já tem tarefas suficientes...”) das leitoras após o interrogatório. Obviamente, as formas nominais não constituem os únicos mecanismos de representação, pois existem outros recursos linguísticos que atuam nesse processo. O advérbio *apenas* que aparece entre aspas neste trecho é um exemplo disso. De todo modo, o que é mais relevante neste exemplo, é a possibilidade de L1/E1 antecipar a reação das leitoras, imputando-lhes um pdv.

### Considerações finais

A análise aqui empreendida nos leva à constatação de que a construção dos objetos de discurso na representação de pontos de vista é marcada por uma tensão enunciativa da qual participam locutores e enunciadore. Os objetos de discurso apontam para posições socializadas, que podem ser reafirmadas, contestadas, atualizadas ou ressignificadas na representação do pdv. Os pontos de vista, portanto, não escapam à reformulação, sendo atravessados por posturas enunciativas que podem ser superpostas, subordinadas ou coenunciadas.

---

10. A forma nominal *uma bola de neve* em posição predicativa assinala o pdv de L1/E1.

Desse modo, os pontos de vistas assinalam enunciadores. No caso das reportagens analisadas, estes pontos de vista estão sob a regência do locutor/enunciador primeiro, que, como um encenador, seleciona, rotula, representa e corporifica os enunciadores, por meio de objetos de discurso modalizados por ele próprio ou pelo outro que ele põe em jogo. O ponto de vista do outro é assinalado na reportagem não apenas por meio do que se diz ou do que foi dito, mas pela representação do seu ponto de vista, ou seja, pela incorporação daquilo que as mulheres, leitoras da revista, pensam: seu saber, atitudes, valores e crenças, por formas menos marcadas de heterodiálogo e que vão além dos mecanismos convencionais do discurso reportado. Nesse contexto, L1/E1 se afirma como um enunciador cúmplice, conselheiro, informado, crítico sagaz ou paciente, através de pdvs diferentes que podem ser tomados para si, em maior ou menor grau, ou imputados quando prefere marcar distanciamento. Assim, observamos que a imputação é recorrente quando se refere ao pdv feminino e/ou masculino, e praticamente inexistente na representação do discurso do especialista, que normalmente L1/E1 toma para si, como um meio de afirmar sua posição.

## Referências bibliográficas

APOTHÉLOZ, D. ; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. 1995. Construction de la référence et stratégies de désignation. *Travaux Neuchâtelois de Linguistique* 23: 9-39.

AUTHIER-REVUZ, J. 2004. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In : Juan Manoel Lopez-Munõz; Sophie Marnette & Laurence Rosier, éds. *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan. p. 35-53.

KOCH, I. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.

CUNHA, D. 2008. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga* 22: 129-144.

\_\_\_\_\_. 2009. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. *Bakhtiniana* 1(2): 23-39.

DOURY, M. 2004. La fonction argumentative des échanges rapportés. In: Juan Manoel Lopez-Munõz; Sophie Marnette & Laurence Rosier (Eds.). *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan. p. 255-264.

MARCUSCHI, L. A. 1997. Citação de fala na interação verbal como fala idealizada. *Actas del I Colóquio Latinoamericano de Analistas del Discurso*. Caracas: Editora de la Universidad de Venezuela, Vol. 1. pp. 107-201.

RABATEL, A. 2004. La déliaison des énonciateurs et les locuteurs dans la presse satirique. *Langage et Société* 110: 7-23.

\_\_\_\_\_. 2005. La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. *Marges linguistiques* 9: 115-136.

\_\_\_\_\_. 2006. Du rôle des postures énonciatives de surénonciation et de sousénonciation dans les analyses de corpus. L'exemple des reformulations, des connecteurs et particules discursives. In: M.-C. Guernier; V. Durand-Guerrier; J.-P. Sautot (Eds.). *Interactions verbales, didactiques et apprentissages. Recueil, traitement et interprétation didactiques des données langagières en contextes scolaires*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté. p. 221-248.

\_\_\_\_\_. 2008. *Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration*. Limoges: Editions Lambert-Lucas.

\_\_\_\_\_. 2009. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. *Langue Française* 162: 71-87.

ROSIER, L. 2008. *Le discours rapporté en français*. Paris: Ophrys.

TORCKY, D. 2004. Ancrage interactionnel du DR en conversation et double contrainte. In : Juan Manoel Lopez-Munõz; Sophie Marnette & Laurence Rosier, (Eds.). *Le discours rapporté dans tous ces états*. Paris: Harmattan. p.245-253.